

LINGUASAGEM

ORLANDI, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Abralin ao Vivo**. Youtube. Transmitido ao vivo em 18 de maio de 2020 pelo canal Abralin (115 min). Disponível em: <https://youtu.be/MjCsJxfiXtg>. Acesso em: 26 mai. 2021.

Alice CARINI¹
Lauren de Arruda SANCHES²
Lucas NASSER³
Rafaela Aparecida da SILVA⁴

Resumo

A diluição do real sentido e a volatilidade da interpretação fazem-se cada vez mais presentes no contexto pandêmico que estamos vivendo. Com a emergência das pós-verdades, entre outras formas de interpretações, ficamos muitas vezes à deriva dos sentidos. Apesar dessas emergências, é preciso romper com essa diluição, e é sobre esse rompimento que o texto: “*Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia*”, de Eni Orlandi, discute. O texto será utilizado como base para esta resenha para que, com base na explanação de Orlandi, consigamos expor como as noções de acontecimento discursivo, metaforização, processo de significação, narratividade, imaginário, ideologia e formações discursivas são essenciais para romper com essa flutuação.

Palavras-Chave: Volatilidade; Interpretação; Política; Imaginário; Fantasia.

Abstract

The dilution of the real meaning and the volatility of interpretation are increasingly present in the epidemic context in which we are living. With the emergence of post-truths among other forms of interpretation, we are often left adrift in the senses. Despite these emergencies, we need to break with this dilution, and it is about it that the text: “*Interpretation volatility: politics, imagination and fantasy*”, by Eni Orlandi, discusses. The paper will be used as a bridge in this review so that, based on Orlandi's explanation, we can expose how notions of discursive event, metaphORIZATION, signification process, narrativity, imagery, ideology and discursive formations are essential to break this fluctuation.

Key words: Volatility; Interpretation; Policy; Imaginary; Fantasy.

¹ Graduanda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. alice.carini@estudante.ufscar.br.

² Graduanda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: laurensanches@estudante.ufscar.com.

³ Graduando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: lucasnasser@estudante.ufscar.br.

⁴ Graduanda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: rafaela.silva@estudante.ufscar.br.

A presente resenha tem como objetivo trazer as reflexões discutidas acerca das noções de acontecimento discursivo, metaforização, processo de significação, narratividade e imaginário, conceitos presentes no texto “Volatilidade da Interpretação: política, imaginário e fantasia” da professora doutora Eni Puccinelli Orlandi, publicado na Revista Cadernos de Linguística, da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), no dia 8 de fevereiro de 2021, que desenvolve sua fala do dia 18 de maio de 2020 na conferência Abralin ao Vivo, sessão de *lives* que ocorreu de forma virtual entre os dias 4 de maio e 31 de julho de 2020, durante a pandemia da COVID-19.

Antes de adentrar as questões relacionadas ao tema discutido na *live*, a mediadora, Débora Massmann, docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), inicia a conferência apresentando a professora Eni Orlandi e suas atuações enquanto pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) nessa instituição, como também professora visitante da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), onde atua nos Programas de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (Prof Letras) e no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL).

Orlandi então, inicia a discussão sobre seu texto, que se subdivide em cinco principais tópicos: uma introdução seguida de outras quatro seções, intituladas, respectivamente: 1. A análise; 2. Imaginário, imaginação, fantasia; 3. Argumentação; e 4. Concluindo: linguagem, pensamento, mundo. No ensaio, Orlandi traz uma série de recortes que ocorreram ao longo da pandemia e utiliza desses exemplos para deixar suas análises mais robustas e trazer à tona a presença dos elementos discutidos.

Como ponto de partida da exposição, Orlandi utiliza a pandemia como um exemplo de *acontecimento discursivo*, visto que esse é justamente um assunto que ganhou ainda mais força em tempos de caos, quando o mundo todo se viu na obrigação de mudar sua rotina em decorrência do vírus Sars-Cov-2, que gera a doença COVID-19. Nesse primeiro momento, a professora expõe que o processo de acontecimento discursivo é carregado de metáforas que são responsáveis por produzir transferências de sentidos, sendo muitas vezes equivocados, silenciosos ou explícitos. Ao trazer tal afirmação, aqui Orlandi não só introduzirá como também esmiuçarará o processo de *metaforização*. Para a autora, a noção de metáfora se dá através de “palavras falando com outras palavras”, um ato discursivo que só é possível precisamente pela *volatilidade da interpretação* dessas metáforas produzidas, porque são essas metáforas

que produziram fatos e construíram sentido aos novos termos metafóricos relacionados à pandemia, sentidos esses, derivados da circulação e construção de um sujeito enunciador. Pode-se, então, considerar a pandemia como *acontecimento discursivo*, uma vez que tudo que dizemos paira numa metaforização global: a linguagem atravessa fronteiras, o que vai de encontro com outros autores, como Eduardo Guimarães, e outras áreas, como a Semântica da Enunciação, uma vez em que a Análise do Discurso (AD) não pode ignorar a circulação. Os fatos demandam sentidos, mas as circulações produzem fatos.

Além de expor o conceito de metaforização e de considerar a circulação dos textos, Orlandi disserta em seu ensaio sobre a necessidade de entender sobre a narratividade. A narratividade é feita através da memória estruturada, que propõe ao leitor, um esforço de se recordar do primeiro momento em que teve contato com os significados das palavras que já conhece. A autora traz à tona essa reflexão a fim de expor que o significado de uma determinada palavra só ganha sentido após uma *memória discursiva*, ou seja, após várias construções de sentido e formulações discursivas da mesma palavra que até mesmo em um breve esquecimento, a memória continua atuando. Dessa forma, todo texto é um espaço com diferentes versões. No texto, versões e interpretações transbordam e o que pode guiar, em alguma medida, as condições de produção desses discursos são os sujeitos que se inscrevem nesses textos, significando-os.

Por fim, tendo em vista todos os conceitos apresentados, resolve-se a relação entre o título e o conteúdo do texto: a autora argumenta que o imaginário não é de mentira, de natureza irreal e portanto, não cabe na noção de fantasia, mas contribui de modo a constituir o sujeito em sua produção de sentidos. Para endossar sua exposição, Orlandi parafraseia Pêcheux: “O real existe, necessariamente, independentemente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real.” Para a AD, as *formações imaginárias* contemplam o imaginário ao projetar o sujeito em uma “situação” e o levar a sua “posição-sujeito” discursiva. Tais formações consideram não somente a situação objetiva, mas também, a imagem que o sujeito constrói de si mesmo, do outro, e do referente, no caso.

Contudo, concluímos apontando que a professora doutora Eni Orlandi sintetiza com maestria conceitos da Análise do Discurso de linha francesa que vêm a ser úteis para as interpretações dos novos textos que surgem diante da pandemia enfrentada nos primeiros anos da década de 2020. Novos gêneros surgem no mesmo contexto, tal como

a própria exposição em *live* realizada pelo projeto Abralín ao Vivo que ultrapassa as previsões que Marie-Anne Paveau fez em seu artigo *Feminismos 2.0: usos tecnodiscursivos da geração conectada*, e outras tantas que acontecem no Brasil e mundo afora, que são relevantes por suas circulações e ressignificações. Paveau se encanta com a velocidade da propagação e reformulação de produções, a grande rapidez de circulação de materiais e a enorme audiência que pode ser medida em milhões de receptores, mas não teve como prever e nem expor explicitamente como a pandemia alteraria a realidade do mundo. Dessa forma, conseguimos apontar que os leitores e profissionais das áreas de comunicação e linguagens que se interessaram pela teoria de Orlandi podem se interessar também em leituras de Guimarães, Maingueneau, Paveau e outros autores, que podem contribuir e endossar as discussões para que reflitamos sobre a realidade na conjuntura em que estamos vivendo.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes. 1989.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes. 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições. 2005.
- ORLANDI, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Abralín ao Vivo**. Youtube. Transmitido ao vivo em 18 de maio de 2020 pelo canal Abralín (115 min). Disponível em: <https://youtu.be/MjCsJxfiXtg>. Acesso em: 26 mai. 2021.
- ORLANDI, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. *IN: Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1. 2021. pp. 01-15.
- PAVEAU, Marie-Anne. Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada. *In: COSTA, Julia; BARONAS, Roberto (Orgs.). Feminismos em convergência: discurso, internet e política*. 2020 (e-book). Tradução Julia Lourenço Costa. pp. 21-50.
- PÊCHEUX, Michel. **Analyse Authomatique du Discours**. Paris: Dunod. 1969.
- PÊCHEUX, Michel. **Les Vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975.
- PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento?**. Campinas: Pontes. 1990.
- POSSENTI, Sírio; MUSSALIM, Fernanda. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. *IN: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso no Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU. 2010. pp. 63-87.